IGREJA DE SANTA ANA DE TUCANO: UMA JOIA BARROCA DILAPIDADA

Jadilson Pimentel dos Santos

RESUMO

A antiga Igreja da freguesia de Santa Ana e Santo Antônio - Tucano, cujo orago é, na atualidade, Senhora Santana, é uma construção datada da segunda metade do século XVIII. Praticamente erigida pelo célebre “apostolo dos sertões”: Apolônio de Todi; encontra-se amplamente arruinada. Ancorado em informações adquiridas no acervo da própria edificação, em fotografias diversas, e na parca bibliografia existente sobre o tema, pretende-se lançar luzes sobre essa questão comparando-a, revelando-a e divulgando-a, essa que é uma das poucas obras que conta a memória das gentes dos sertões e do empreendimento missioneiro do frei italiano Apolônio de Todi, chamando-se a atenção para as inúmeras reformas malsucedidas que ai foram realizadas.

PALAVRAS-CHAVE: ARQUITETURA RELIGIOSA. IGREJA DE SANTA ANA. TUCANO. PATRIMÔNIO CULTURAL.

1. A ANTIGA FREGUESIA DE SANTA ANA E SANTO ANTÔNIO DO TUCANO

O movimento das entradas e bandeiras que adentrou os sertões em todos os rumos, articulou fazendas de gado que foram se estabelecendo pelo interior do país, nos rincões mais despovoados, com base nas doações de sesmarias, localizadas ao longo do rio São Francisco, seu principal ponto de referência.

A penetração pelo território no rumo norte foi tanta que em pouco tempo já se praticava a pecuária no interior de alguns rincões do nordeste do Brasil. Apesar de serem numerosas na região do São Francisco as grandes fazendas que podiam rivalizar em tamanho com alguns países da Europa, sobressai dentre tantas, o grande latifúndio de Garcia d' Ávila, a Casa da Torre, da qual fazia parte o território tucanense.

A atual cidade de Tucano cujo topônimo foi Santa Ana e Santo Antônio do Tucano também ficou conhecida como Imperial Villa do Tucano. Seu território fazia parte das terras doadas em sesmarias a Garcia d'Ávila, e esteve, posteriormente, anexado à Comarca da Villa do Itapicuru de Cima, Província da Bahia.

Segundo assevera Rocha (1987, p.14), a partir de 1700, em diante, alvará de Sesmaria das terras de Tucano foi concedido a João Rodrigues Barroso. Segundo o autor, nessa época, os oásis que pertenciam aos limites da extensão territorial desta cidade eram habitados por índios Kariris e depois portugueses.

Em 1727, o local que viria a ser o atual sítio urbano, estava ainda na condição de simples aldeia de índios catequizados por missionários jesuítas, pertencente ao município de Itapicuru, cujo território faz parte do vale do Rio Itapicuru. Depois os antigos fidalgos fizeram-na uma fazenda de gados, e para elas enviaram africanos para sua direção e após estes vieram portugueses lavradores e comerciantes, resultando destes cruzamentos a sua população.

Também os missionários em missões por esses rincões erigiram uma capela sob a invocação de Santa Ana e Santo Antônio de Tucano, ficando essa capela subordinada à paróquia de Mirandela, sendo elevada à categoria de paróquia na segunda metade do século XVIII.

Da sua história, temos a notícia sobre a freguesia nova de Sant' Ana e Santo Antônio da diocese de Tucano:

> "Consta a povoaçam desta Freguesia de Sant' Ana e Santo Antônio DO Tucano de Fazendas distantes entre si hua, duas e a mais quatro legoas; dividi-se em dois lugares chamados – de Tiuiu e Tucano; de Tiuiu estende-se pelo rio Itapicuru acima trinta legoas, cujas margens de uma e outra parte estão assenta e huma fazendas, com a distancia a cima de legoas; o lugar do

> Tucano consta de dezenove legoas sendo três e quatro legoas de fazenda a fazenda. Rios no lugar Tiuiu, o sobredito Itapicuru, o qual impede o vão com as contínuas enchentes, e em seo nascimento na Freguesia de Jacobina, digo na Fazenda de Santo Antonio da Jacobina. No lugar de Tucano os rios que só correm com as invernadas e algumas vezes também o vão saem os seguintes – Jacoirici, Picarassá, Pocosó, Masseté, a saber do Jacoirici ao Picarassá nove legoas, do Picarassá ao Pococó 3 legoas, e ao Masseté, 6 legoas. Almas de comunhão 1903. Tem uma capella esta freguesia (May 9 de 1757. (a) O Vigário Francisco Cabral de Sousa. (Documento anexo ao nº 2666 – Arquivo de Marinha e Ultramar Lisboa, apud ROCHA, 1987, p. 15).

Com o passar do tempo, outras ordens religiosas passam a exercer suas missões por esses rincões mais interiores do Brasil, possibilitando a fundação de outras freguesias. Hoornaert (1997) assevera que nas missões redutivas de índios que acompanharam as entradas pelos sertões do Brasil atuaram quatro ordens religiosas: capuchinhos e oratorianos, jesuítas e franciscanos.

Nesse sentido, chama-se a atenção para a primeira ordem dada à relevância com que esta exerceu seu ministério apostólico na área do nordeste da Bahia, onde estava localizada a área da freguesia criada em 1754, cuja invocação era: Santa Ana e Santo Antonio do Tucano.

Dentre os capuchinhos que adentraram o sertão da Bahia, um se destacou especialmente; o frei italiano, nascido em 1747, na cidade de Todi, província da Perúgia e departamento da Úmbria – Itália, Apolônio de Todi. Em 1779, foi designado para missionar em São Tomé, ação, todavia, não realizada por motivo de doença. Em 1780 veio para a Bahia e, nessa província, trabalhou arduamente durante uma metade de século, tornando-se, ademais, o prefeito do Convento da Piedade no período de 1780 a 1785.

Segundo Calasans (1997, p.73), o frei ficou na Bahia para ser mais do que um dos inúmeros religiosos capuchos procedentes da Itália. Permaneceu em nossas terras para lograr o título de apóstolo do sertão. Dir-se-ia que era o “Anchieta sertanejo”, criador de um dos maiores centros de peregrinação e misticismo do interior da Bahia: o Monte Santo. No ano de 1782, após sua chegada à cidade do Salvador, foi ele, exercer por ordem do novo Arcebispo baiano, Dom Frei Antônio Correia, sua ação missionária no sertão da Bahia e de Sergipe.

Santos, (2011. p.180) assevera que o frei Apolônio de Todi, em suas andanças pelos sertões, além da obra missionária que articulara, também, foi um edificador de obras religiosas, bem como um restaurador de igrejas, capelas, etc. É sabido que ele andou missionando em comunidades do sertão da Bahia tais como: Jeremoabo, Mirandela,

Massacará, Monte Santo, Bom Conselho, Tucano, etc., o qual teria, certamente, levantado obras no ajuntamento das Santas Missões. Dessas obras subsistem, embora reformuladas pela negligência das autoridades, o conjunto arquitetônico do Monte Santo, a igreja de Senhora Santana da cidade de Tucano, bem como o templo de Nossa Senhora do Bom Conselho, situado na cidade de Cícero Dantas.

De acordo com uma carta envida ao Dr. Baltazar da Silva Lisboa por volta do ano de 1814, sobre a Matriz de Sant'Anna e Santo Antônio do Tucano, criada em 1754, do Governo do Arcebispo D. José Botelho de Matos e cujo primeiro vigário foi o padre Francisco de Souza, diz o autor, missionário capuchinho Frei Apolônio de Todi, restaurador da mesma Matriz.

> Cheguei à reguesia do Tocano (sic), aonde achei a igreja que estava para cair, porque feita de madeira, estava cerceada por baixo; a encostei e fiz missão. No tempo da missão chega um despacho do sr. Arcebispo de Santa Escolástica, de acudir à necessidade desta igreja. No fim da missão fallei, e vendo os fregueses promptos a concorrer, nomeei o depositário e quatro procuradores, e logo com o povo principiei a ajuntar pedra, e tudo mais que precisasse para se fazer de pedra e cal. Estando quase tudo prompto, queria chamas os pedreiros, e aqui se offereceo o reverendo Vigário, que era um padre Antonio Carvalhares (sic), a ir buscar os pedreiros, e assistir à factura della, e que eu podia prosseguir as missões; eu respondi que estava muito bom, e logo parti para missionar, porém o reverendo Vigário não fallou a verdade, todo dia buscava pedreiros sem buscá-los, e assim passou o primeiro anno, assim o segundo, assim o terceiro, e assim ia passando o quarto, quando Deus castigou com uma morte súbita, tanto ao Vigário com ao depositário, porque como vinhão as esmolas da igreja, tomavão para comprar sítios, fazer suas fazendas, e não a igreja. Me derão aviso do conhecido, nomeei outro depositário, que logo chamou pelos pedreiros, e foi fazendo a nova igreja, e eu prossegui nas missões até chegar ao Bonfim da Jacobina (Todi, apud ACCIOLLI, s/d)

Nas palavras de Rocha (1987, p.17), as obras de restauro da igreja Matriz imputadas pelo missionário capuchinho Apolônio de Todi tiveram início a partir dos anos de 1791 a 1795 em diante. Ainda segundo sua fala, as imagens dos Padroeiros – Santa Ana e Santo Antônio – foram mandadas fazer pelo próprio Frei Apolônio de Todi na cidade de Salvador (Imagem 01)

Informa-nos Inácio Acciolli (s/d) nas suas *Memórias Históricas e Políticas da Bahia*, que a freguesia de Santa Ana do Tocano renderá, com a côngrua de 50$000 réis, que

paga a Real Fazenda, 280$000 réis (annuais). No Mappa de todas as Freguesias que pertencem ao Arcebispo da Bahia, datado de 9/1/1775, que aparece nas Notícias Soteropolitanas e Brazilicas, consta que a Freguesia de Sant'Anna e Santo Antonio do Tucano, então pertencente à Vila do Itapicuru de Cima, possuía, na época, 180 fógos e 1.734 almas.

Imagem 01:Imagem de Santa Ana, 1997, Tucano Bahia.
Fonte: Jadd Pimentel.

2. TUCANO ONTEM-HOJE E AS VARIADAS REFORMAS DO TEMPLO DE SANTA ANA

> Tucano é um desses lugares no planeta, onde ainda se consegue respirar. Lá, existe noite de lua cheia que por sinal, me parece a mais bela do Brasil. Lua plena no céu, lua branca e sertaneja. Ali, ela parece que desceu um pouco mais. Parece estar mais próxima dessa gente que tem o sonho do mar como melodia, e Santa Ana como guia. Em Tucano tudo é fotografia. A feira é um mundo encantado de poesia e sabedoria. É na feira que deus e o diabo coadunam o caos. Na feira ouvem-se as rezas para afastar os quebrantos e as artimanhas do cão. Na feira todos labutam... Feira da vida inteira, feira livre, feira digna de Almodóvar, Felini, Glauber Rocha e Hollywood. Feira farta onde buscamos os cheiros e os sabores que a terra nos oferece. Onde as memórias da infância latejam como prece em romaria, onde a terra toda é uma... Onde há fôlego de esperança, ainda que envelhecido e desbotado pela luz, ou pelo tempo. A feira, também, é uma vida de cruz; madeiro de lenho lanhado, nau afogada, tripulação de Jesus. Feira sem eira nem beira; encantos e desencantados, canto derradeiro. Canto das procelas que o vento levou para lá. O vento é senhor dessa terra. Desenhou nas rochas segredos do tempo e esculpiu nos lajedos titãs de fogo e poeira. Os Éolos governam esta terra. Por ali projetaram uma cidade só sua: o Buraco do Vento. É um cenário de arquitetura misteriosa que lembra as crateras da lua. Lá, há cantoria de brisas, ventos e ventanias. De lá se avista Tucano e o drama do astro rei agonizando

> no horizonte. De lá se avista o mundo inteiro, e o mundo inteiro se orgulha disso. Tucano é quente. O seu céu desbotado pelo sol parece, no verão, uma alegoria de Dante. Os raios de luz chegam ali em linha reta sem encontrar obstáculo algum. Há fuga! O calor é de derreter o juízo e acender labaredas nos corpos. O céu limpo permanecerá flutuante e destampado. Permanecerá o mesmo céu... Com o mesmo ar e o mesmo desespero. Tudo ali parece agonizar. Na vibração seca da tarde, tudo parece delirar. Amo mesmo assim minha cidadezinha. Do alto do buraco do vento e do Cruzeiro, ela parece engastada num precipício. Parece um sítio de rara beleza, uma cena pitoresca. Como que fora tomada pelo mar e afundou; tragada pelas águas... A Atlântida de poeira, sol e miragem. A Atlântida mais amada dos confins desses sertões (SANTOS, 2009, p.10).

Realmente, a cidade do Tucano localiza-se em uma área de planície que está engastada numa depressão. É um espaço centenário de belezas muitas e ainda pouco valorizado. De qualquer ponto da cidade avista-se o seu principal monumento arquitetônico: A Igreja Matriz de Santa Ana.

A vista mais bela de todas parece ser a frontal; estando-se na estrada que liga ao povoado do Creguenhem, próximo à BR110. Deste ponto, o templo erguido com seu frontão imponente e revestido de azulejaria branca e azul (destruída recentemente) era o cartão postal privilegiado da cidade, fazendo-nos até lembrar um templo grego coroando a sua Acrópole.

O mais famoso exemplar da arquitetura religiosa da cidade do Tucano, cujo orago é Ana, avó de Jesus, guarda em si infindáveis histórias do local, e inúmeros tesouros da arte barroca brasileira, do neoclássico e do modernismo baiano. Sendo um projeto de arquitetura imponente, este edifício com sua estrutura audaciosa, terminou por influenciar e dialogar com muitas outras edificações religiosas do sertão da Bahia: antiga Igreja Matriz do Monte Santo, Igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho de Cícero Dantas, Igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó, dentre outras.

Sempre chamou a atenção a sua modenatura. Seu frontispício assentado em elevado escadório, sempre deu a mesma, uma atmosfera de imponência e grandiosidade; adjetivos que também se confirmam pela amplidão da obra em voga, e pela larga espessura das paredes laterais e da frontaria.

É de valia rememorar que a feição das fachadas e/ou estruturas externas e internas da Matriz de Tucano nem sempre foi como a conhecemos. Em seus mais de 258 anos, passou por inúmeras reformas até chegar no que é hoje: um edifício praticamente dilapidado e com as paredes alteradas e pintadas de verde intenso.

Segundo informações constatadas em documentos eclesiásticos, a antiga capela de Santa Ana e Santo Antônio erigida em 1754, encontrava-se arruinada quando da

passagem pela região do missionário Apolônio de Todi, o qual, a pedido do Arcebispo, comprometeu-se em restaurar a obra.

Pelo apurado, constata-se que, como a antiga capela era em madeira, sendo seu material perecível, conclui-se que foi o frei Apolônio de Todi quem praticamente fundou a nova Matriz, depois de vivenciar muitas desavenças ocorridas com o clérigo local, na útlima década do século XVIII.

É bem provável que no decorrer das décadas seguinte tenha sofrido leves alterações, sendo, todavia, a estrutura inicial mantida. Um século depois, com a passagem de Antônio Conselheiro por essa freguesia, deduzimos que o beato peregrino tenha efetuado alguns reparos na obra, bem como edificado outras construções de vulto na cidade. Sobre essa afirmação, o historiador sergipano radicado na Bahia, em sua obra *Cartografia de Canudos*, Calasans, (1997) deduz que o profeta Conselheiro depois de levantar cerca de 21 obras pias, entre igrejas e cemitérios, tenha, também, concluído outras edificações e restaurações em Inhambupe, Barracão e Tucano (Imagem 02).

Em fotografias e informações de cronistas viajantes do último quartel do século XIX, tem-se notícias de que a vila tucanense, em situação precária, estava com sua Matriz em condições adversas, justificando, ainda mais, o fato de o Povo da Companhia e Antônio Conselheiro efetuarem reparos.

Imagem 02: Casa de camâra e cadeia, século XIX, Tucano Bahia.
Fonte: Camera Municipal de Tucano.

Em sua obra *Descrições Práticas da Bahia*, no ano de 1888, quando discorre sobre a cidade de Tucano, Aguiar (1979, p.84) apontava o templo de Santa Ana como uma edificação sofrível.

> É um termo composto da freguesia da vila e da do Raso, distante sete léguas, com uma população de cerca de oito mil habitantes espalhados sobre uma área de umas 10 léguas quadradas. A vila foi criada com a de Monte Santo. A lavoura é insignificantíssima, e mal produz o necessário; sendo o gado anualmente muito dizimado pela seca, por cujo motivo mais prospera a criação dos lanígeros, por mais resistirem à falta de pastos que ficam tão limpos de ervas como se fossem varridos a vassoura. O comércio é nulo. A indústria é a do cortimento de couros. Os rendimentos provinciais 848$000. A vila é pequena; tendo sua sofrível Matriz no centro, e na frente uma casa para quartel e cadeia que infelizmente está fechada.

Para essa época, do final do século XIX até a primeira metade do século XX, através de fotografias históricas da cidade, constata-se que, depois de efetuados os devidos reparos, como em algumas construções franciscanas e conselheiristas, nota-se, na área frontal, marcando um amplo adro que vai além da escadaria, belíssima cercadura em madeira, tendo em seu centro, demarcando o espaço mais sagrado, um cruzeiro levantado para as festividades, sobretudo as da Semana Santa (Imagem 03).
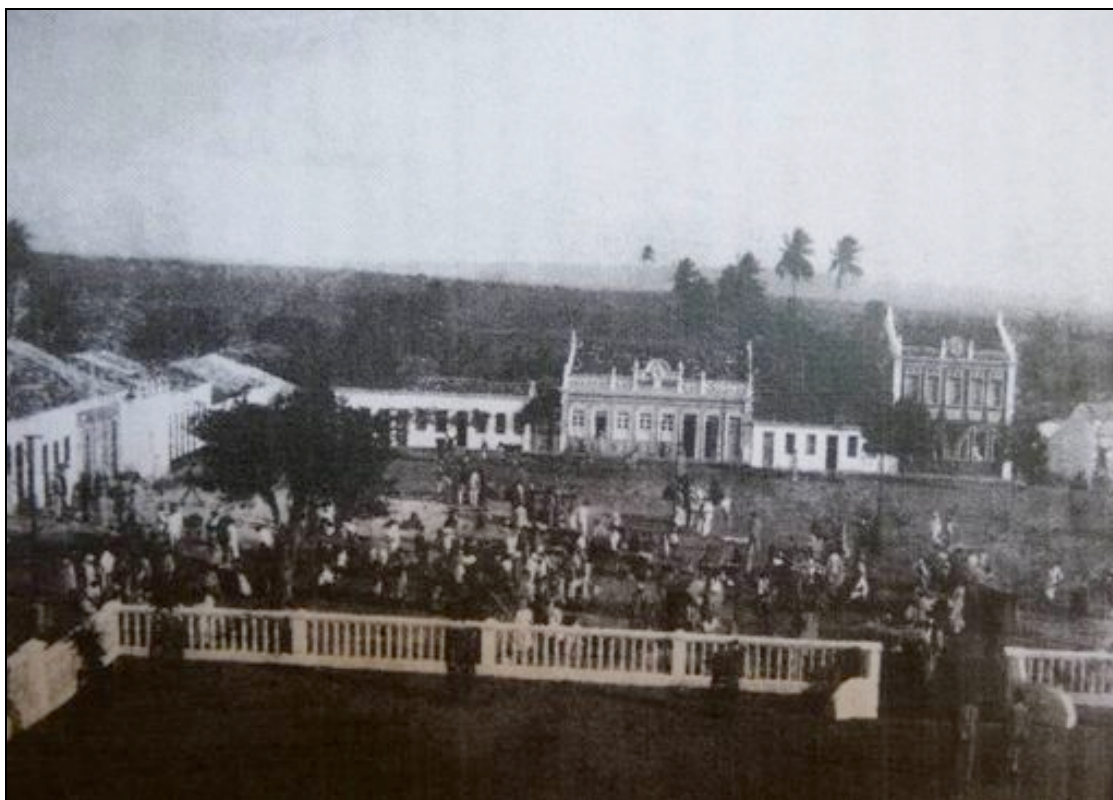
Imagem 03: Casa de Camâra e cadeia, Praça da Matriz, século XIX, Tucano Bahia.
Fonte: Camâra Municipal de Tucano.

Na segunda metade do século XX, verifica-se, entretanto, novas mudanças. Em uma fotografia referente às exéquias e cortejo fúnebre do ilustre médico dos sertanejos, Dr. Theotônio Martins, constata-se o frontispício da Igreja de Santana sem sua cercadura no adro, embora ainda com o cruzeiro, retirado posteriormente nas décadas seguintes e com algumas características de detalhes subtraídos na década de setenta com as reformas realizadas pelo padre José Gumercindo.

Nota-se, ainda, que do século XIX até primeira metade do XX, as mudanças no concernente à estrutura do edifício foram mínimas. Até a década de cinquenta deste último, as alterações visíveis no frontispício do templo foram as seguintes: utilização de portas e janelas em linhas retas, abolindo-se os arcos abatidos, pináculos mais esguios e compactos e exclusão das curvas e contra curvas iniciais do frontão (Imagens 04 e 05).

Imagem 04: Igreja Matriz, 04/04/1954, Tucano Bahia.
Fonte: Camâra Municipal de Tucano.

Já na década de 70 do século XX, novas transformações se efetivaram na casa de Santa Ana. Liderado pelo pároco Padre José Gumercindo, fundador de escolas e seminários, que se comprometeu em arrecadar, através doações, subsídios para essa novo mister. É dessa época a ornamentação mais divulgada e apreciada da construção. Embora tenham subtraído o cruzeiro, na fachada agregou-se painéis azulejares de muito boa lavra.

Imagem 05: Igreja Matriz, 1997, Tucano Bahia.
Fonte: Jadd Pimentel.

Chama a atenção a simplicidade e bom gosto na combinação das cores azul e branco. Quatro faixas em sentido vertical que delimitam o centro e as extremidades da edificação foram confeccionados com motivos fitomórficos, e, quando combinados, formam liras. Esses motivos também contornam a estrutura barroquizante das volutas do frontão e ai está presente um excelente painel azulejar contendo a iconografia de Santana. Todo o conjunto de primeira qualidade é obra assinada por Udo Knoff[1], mestre ceramista alemão radicado em Salvador da Bahia (Imagens 06 e 07).

. Imagem 06: Padrão decorativo dos painéis azulejares da Igreja Matriz, 2010.
Fonte: Jadd Pimentel

Imagem 07: Painel decorativo contendo Santa Ana, Igreja Matriz de Tucano, 2010, Autoria: Udo Knoff
Fonte: Jadd Pimentel

No século XXI, duas tentativas malsucedidas de reforma se efetivaram, sobretudo na parte externa da obra. A primeira, ocorrida no ano 2.000 se arrastou por mais de dois anos. Nesse período, os mestres de obra a serviço do clero local quase que dilapidaram por completo a templo sagrado. As mais visíveis foram: alteração brusca das águas do telhado, eliminação de volutas na parte posterior do edifício, alteração da cor das paredes laterais e colocação de estrutura de linha reta nas laterais do frontão. Na área interior, o raio de destruição foi ainda maior. O forro em madeira foi trocado por outro em PVC, alguns motivos ornamentais da talha do altar foram decepados, e, dentre os erros mais grosseiros, tem-se o fato de que todo o piso foi eliminado junto com as lápides seculares recebendo um revestimento cerâmico de muito mau gosto em toda a área interna.

Recentemente, novas mudanças se efetivaram. Na tentativa de se sanar um problema de descolamento do revestimento externo, a pior das atrocidades foi cometida. Ao invés de restaurar as peças descoladas, todo o silhar foi removido recebendo em seu lugar uma pintura com tonalidades de verde, que inclusive ganhou força em toda a construção, causando indignação na população local. Resta apena no alto do frontão o painel de Udo

Knoff, que ainda resiste a toda essa onda devastadora do patrimônio brasileiro (Imagens 08 e 09).

Imagem 08: Dilapidação dos painéis azulejares da Igreja Matriz de Tucano, 2012.
Fonte: Jadd Pimentel

1

O ceramista alemão Udo Knoff, que viveu boa parte da vida em Salvador, deixou um importante patrimônio artístico distribuído pela capital e pelo interior. Embora tenha cursado agronomia na Alemanha, onde nasceu, Udo destacou-se no Brasil como ceramista, colecionador e professor. Apontado por críticos e estudiosos como um profissional decisivo para a implantação, na Bahia, da arte do azulejo – uma de suas maiores paixões – e pela instalação de uma indústria azulejeira local. Também foi considerado não só pioneiro na arte da cerâmica como foi seu maior mestre na Bahia. Ele criou um centro de pesquisas da técnica na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, onde lecionou a convite de Roberto Santos. Horst Udo Enrich Knoff nasceu em Halle, na Alemanha, no dia 20 de maio de 1912. Estudou agronomia e, após a graduação, foi trabalhar em uma companhia de sisal em Lagos, Nigéria. Durante a Segunda Guerra Mundial, fugiu em um navio de bandeira japonesa com destino ao seu país de origem, mas, por conta do bloqueio imposto pela Inglaterra, aportou em Santos, São Paulo, em dezembro de 1938. O desembarque indesejado fez com que passasse mais de cinco anos na cadeia em razão das medidas de segurança adotadas pelo governo brasileiro para proibir a entrada de nazistas no país. Solto chegou a trabalhar como agrônomo em Porto Alegre. Na década de 1950, transferiu-se para o Rio de Janeiro onde começou a trabalhar em uma empresa de cerâmica e a se interessar pelas possibilidades artísticas do barro. Em 1952, foi convidado para expor na extinta Galeria Oxumaré, em Salvador. Encantou-se pala cidade que vivia um clima de efervecência cultural, e decidiu ficar. Nos anos de 1960, instalou o Ateliê de Cerâmica Udo Knoff, em Brotas, e acolheu vários artistas e estudantes. Desenvolveu, ainda, atividades voluntarias em instituições de assistência social, utilizando a arte como meio de terapia e reintegração social. Ao todo, realizou 93 exposições e recebeu diversos prêmios e menções honrosas. Faleceu em 07 de junho de 1994 e foi sepultado no cemitério dos alemães, em Salvador. Além das obras realizadas para a cidade do Salvador, muitas delas também podem ser vista no interior da Bahia. Dentre elas cita-se: Obelisco, Praça Getúlio Vargas em Ribeira do Pombal, Alto do

Mário, Parque Estadual de Canudos, Canudos, Terminal rodoviário de Feira de Santana, Igreja de Santa Ana de Tucano, etc. (CASA COR, 2010, p. 63)

Imagem 07: Igreja Matriz de Tucano comparada (antes e depois), 2012.
Fonte: Site Tucano BR.

CONSIDERAÇOES FINAIS

É lamentável a maneira como se trata o conjunto de arte sacra de muitas igrejas do sertão. Muitos dos tesouros sacros da época barroca estão legados ao ostracimo. A arquitetura de muitas igrejas do período colonial que ainda existe, existe por milagre nessas paragens. Como não há nenhum órgão de proteção desse patrimônio, muitos fenecem para dar lugar a templos mais modernos e, deveras, simplificados. Caso semelhante vem acontecendo com algumas das igrejas do frei Apolônio de Todi. Como exemplo cita-se a matriz de Santa Ana da cidade de Tucano, que vem sofrendo constantemente coma as alterações grosseiras tanto no seu interior como no exterior.

Outro fato terrível que tem contribuído para o aniquilamento desse patrimônio religioso é o fato de que muitas imagens, necessitando de restauração especializada, são confiadas a religiosos leigos e seminaristas despreparados que tentam um restauro tosco

recobrindo a policromia secular das muitas imagens com tintas de tecido, guache e purpurina.

REFERÊNCIAS

ACCIOLLI, Ignacio. *Memórias históricas e políticas da Bahia*. Tomo V: s/Ed, s/data.

AGUIAR, Durval Vieira de. *Descrições práticas da Província da Bahia*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1979.

CALASANS, José. Subsídios à história das capelas do Monte Santo. In: *Cartografia de Canudos*. Salvador, Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia/Conselho Estadual de Cultura, 1997.

CASA COR BAHIA. Salvador: Anual. Ano 2, nº.ISSN 1518-224X.

HOORNAERT, Eduardo. *A igreja no Brasil – colônia (1550 – 1800)*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROCHA, Rubens. *História de Tucano*: 150 anos de emancipação. Feira de Santana: Bahia Artes Gráficas, 1987.

SANTOS, Jadilson Pimentel dos. *Misticismos, mares e sertões*. Tucano: s/ed., 2009.

SANTOS. Jadilson Pimentel dos. *A arte e a arquitetura religiosa popular do Antônio Vicente Mendes Maciel, o Bom Jesus Conselheiro*. 2011. 262 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

TODI, Apolônio de. Carta de 1814 enviada ao Dr. Baltazar da Silva Lisboa. In: *Memórias históricas e políticas da Bahia*. Tomo V: s/Ed, s/data.